

IMORTAIS DA ACADEMIA
EPISÓDIO 26 – O HOMEM, O ESPAÇO, O TEMPO.

01:00:17:01

ABERTURA

01:00:22:11

OFF

Quarenta cadeiras que acolhem passado e presente,
Arte e ciência, pensamento e memória,
Legando o que há de mais notável na literatura brasileira.
A cada episódio, uma cadeira a revelar gerações de brasis.
Sob o teto da Academia Brasileira de Letras,
Assenta-se o nobre e glorioso domínio da imortalidade.

01:01:03:28

VIDEOGRAFISMO – Imortais da Academia

01:01:19:26

Marcos Vinícios Vilaça – Atual ocupante da Cadeira 26

Tem uma historia que um sujeito, um bêbado lá da minha terra de Limoeiro, chegou num barzinho e disse: “Tudo aqui é canalha”, ai houve aquela reação e ele disse: “Não digo com todos, mas não tiro nenhum”. Então, eu digo assim, esse Brasil eu não digo com todos, mas não tiro nenhum, não tiro nenhum Brasil, eu aceito todos os “Brasis”, eu me emociono e digo sinceramente, me emociono quando releio uma pagina de Machado, mas me emociono também quando vejo os meus adversários do Flamengo gritarem na arquibancada. Eu não sou flamenguista né, eu não gosto de rubro negro nem aqui, nem em Pernambuco, nem em coisa nenhuma.

01:02:14:02

VIDEOGRAFISMO – Cadeira 26: O homem, o espaço, o tempo.

01:02:21:24

Alceu Valença – Cantor e compositor

Marcos Vinícios Vilaça eu conheci, foi meu professor na faculdade de direito da Universidade Federal de Pernambuco, ele era uma pessoa muito elegante, tanto como pessoa e também se vestia elegantemente. Ele era brilhante, todas as pessoas gostavam das aulas dele porque era um grande professor, tinha uma boa didática e ao mesmo tempo era muito simpático, eram muito boa as aulas dele. Foi dai que eu o conheci, mas já conhecia através do nome dele como escritor.

Marcos Vinícios Vilaça

Posse em 1985

01:02:56:11

José Nêumanne – Jornalista e escritor

O Marcos é autor de um dos maiores clássicos da sociologia brasileira que é o “Coronel, coronéis”, a maior análise sociológica que existe sobre o coronelismo no Brasil. Há grandes clássicos do coronelismo, mas o “Coronel, coronéis” é o livro que está no topo disso, da análise sociológica e pertence a uma escola da maior linhagem da escrita brasileira, sendo um deles fundador da Academia o grande Joaquim Nabuco, na mesma linha do Gilberto Freyre, “Casa-Grande & Senzala”, e maior sociólogo brasileiro do século. Então, em Pernambuco houve uma escola que concentrou as suas análises na questão do coronelismo, que é, digamos, o sistema político autóctone brasileiro mais importante da história né, porque é uma espécie de herança da capitania hereditária e, por exemplo, até hoje o coronelismo marca a prática e as relações políticas no Brasil, e o Marcos Vilaça é o grande analista.

01:04:08:21

OFF

“O perfil do chefe político e do árbitro social que é, nos sertões nordestinos, o coronel, adquire, assim, nessa situação de trânsito societário, contornos e dimensões peculiares. O coronel, se não é o único, é, por certo, um dos principais protagonistas de um processo de rachadura social, econômica e política, processo de penetração do moderno em estruturas sociais anquilosadas. E ele é sem dúvida, a sua maior vítima.”

Coronel, coronéis

Marcos Vinícios Vilaça

01:04:48:08

Marcos Vinícios Vilaça – Atual ocupante da Cadeira 26

Eu não tenho a cavilação de ser, de ter pretendido ser um escritor literário. O que eu escrevi, escrevi mais com o sentimento da generalidade. Quando eu vi o coronel da minha terra, o coronel Chico Heráclio lutar pela instalação de uma emissora de rádio em Limoeiro, quando eu vi o coronel lutar pela chegada da estrada pavimentada em Limoeiro, aquilo ali era objeto de seu extermínio, ia exterminá-lo pela presença do moderno, claro que ele não percebia isso, nem era consentâneo que se fechasse e não admitisse isso, mas ele lutou por uma emissora de rádio, e ele usou uns estratagemas curiosos que são coisas modernas que só depois começaram a fazer, ele foi o primeiro sujeito que botou um serviço de som, auto falante em um jipe pra fazer de política partidária, aliciar eleitores, usou uma coisa interessantíssima, as correntes da felicidade. Então, tinha uma corrente que ele mandou escrever, ele ditou: “Eu sou afilhado do padre Cícero e em nome dele estou pedindo a vocês que vote em fulano e beltrano, e tal”. Quer dizer, a astúcia de perceber que os meios de comunicação não se limitava aquilo que ele tinha a mão, fácil, ele foi buscar os elementos, vamos chamar assim de “modernos” ou fora do clã dele, para servir a sua política, a sua causa. Isso tudo foi me interessando muito, entendeu?

01:06:38:14

OFF

Além de Marcos Vinícios Vilaça com seu olhar para o autóctone do sertão, a cadeira 26 também recebeu Ribeiro Couto o primeiro a se referir ao brasileiro como “homem cordial”. Mesmo com a vasta obra, Ribeiro Couto talvez seja mais lembrado por sua amizade com o poeta Manuel Bandeira.

01:07:05:29

João Cezar de Castro Rocha – Doutor em Letras

Há uma ironia muito saborosa na ideia de que o Ribeiro Couto era sobretudo amigo do Manuel Bandeira porque essa própria formulação ela é absolutamente cordial no sentido do Sérgio Buarque de Holanda porque ela coloca na avaliação de um autor tão rico como Ribeiro Couto não a sua obra, mas um afeto a amizade com Manuel Bandeira. Essa talvez seja uma das questões decisivas da imagem que nós brasileiros fazemos da cultura brasileira, essa questão da cordialidade e de fato a primeira vez que ela foi sistematizada no ensaio de folego foi pelo Sérgio Buarque de Holanda no famoso quinto capítulo de “Raízes do Brasil”, mas a expressão da cordialidade como sendo possivelmente a contribuição brasileira à civilização de fato ela é do Ribeiro Couto, e numa carta que ele escreveu ao poeta e diplomata mexicano, diplomata como ele também Ribeiro Couto, Alfonso Reyes. Numa carta ao Ribeiro Couto ele perguntava afinal de contas qual seria a contribuição brasileira a civilização e o Ribeiro Couto responde, eu leio a carta e a resposta do Ribeiro Couto diz, ele diz assim que essa contribuição seria a civilização cordial, que seria ele define a atitude de disponibilidade sentimental nascida da fusão do homem ibérico com a terra nova e as raças primitivas. Essa carta é de 1931, na verdade o tema é anterior, a primeira pessoa mesmo a se referir a uma cordialidade brasileira foi o Manoel Bonfim que se referia a cordialidade das tabuas que é um lugar comum, é um tópus, que remonta em ultima instancia a carta do Pero Vaz de Caminha. A primeira festa de que se tem registro escrito na cultura brasileira ela ocorre no encontro dos portugueses com os indígenas em 1500, então essa ideia de que os indígenas brasileiros haviam acolhido de maneira, digamos, generosa, amistosa, ou contrario de receber os portugueses com lanças e flechas e ataques, isso remonta mesmo a origem da cultura brasileira. O passo importante do Ribeiro Couto é associar isto não aos indígenas isoladamente, mas ao próprio processo de formação da cultura brasileira. O Ribeiro Couto colocava na miscigenação a origem a disponibilidade sentimental da civilização cordial.

Ribeiro Couto
Posse em 1934

01:10:00:28

OFF

“Minha poesia é toda mansa. Não gesticulo, não me exalto... Meu tormento sem esperança tem o pudor de falar alto. No entanto, de olhos sorridentes, assisto, pela vida em fora, à coroação dos eloqüentes. É natural: a voz sonora inflama as multidões contentes. Eu, porém, sou da minoria. Ao ver as multidões contentes penso, quase sem ironia: ‘Abençoados os eloquentes que vos dão toda essa alegria.’ Para não ferir a lembrança minha poesia tem cuidados... E assim é tão mansa, tão mansa, que pousa em corações magoados como um beijo numa criança.”

Surdina
Ribeiro Couto, em Poemetos de ternura e de melancolia

01:11:07:29

João Cezar de Castro Rocha – Doutor em Letras

Para o Sérgio Buarque de Holanda o homem é cordial, e a cordialidade é fruto de uma determinada circunstância social que é determinada em primeiro lugar pelo predomínio do mundo rural sobre o mundo urbano, e neste mundo rural a organização tem uma forma muito própria é a família patriarcal, a família patriarcal que tem o “pátria famílias” que tudo decide e que tudo decide dominado pelo afeto, pelo impulso, pelo sentimento, não pela razão, não pela racionalidade típica das sociedades urbanas modernas, ele é o homem dominado pelo coração, e o sentido do homem cordial que infelizmente ainda hoje é dominante no Brasil. O homem cordial é o político que transforma o espaço público numa extensão da sua casa, é todo aquele que transforma a coisa pública apenas em algo que beneficia seus interesses privados. Para o homem cordial há um provérbio, e esse provérbio diz tudo: “Para os amigos, tudo, para os inimigos, a lei”, a lei que deveria ser o que iguala todos os cidadãos pelo contrário, é o que marca a diferença, só obedece a lei quem não tem amigos poderosos. Esse é o homem cordial.

Ainda hoje na cultura brasileira quando se fala em homem cordial e cordialidade, nós estamos mais próximos do Ribeiro Couto do que do Sérgio Buarque de Holanda, mas é o Ribeiro Couto mediado pelo Gilberto Freyre. Em “Sobrados e Mucambos” o Gilberto Freyre cita o homem cordial, ele atribui o conceito corretamente ao Sergio Buarque de Holanda, mas diz o Gilberto Freyre o homem cordial, a figura acabada do homem cordial quem é para o Gilberto Freyre, ele diz: “É o mulato, sempre simpático, sempre sorrindo, sempre muito educado com grande disponibilidade sentimental, mulato resultado da fusão”. Produziu-se então no Brasil por muito tempo uma hermenêutica que é um autêntico carnaval, a expressão do Ribeiro Couto, o conceito do Sergio Buarque de Holanda, mas no cotidiano brasileiro nós adotamos a opção do Gilberto Freyre, que é a opção que retoma a ideia da cordialidade com disponibilidade sentimental gerada pela miscigenação, é certamente um dos casos mais fascinantes de cruzamentos e de mal entendidos conceituais produzindo cultura, em boa medida, a cultura brasileira é incompreensível sem a cordialidade, mas a cultura brasileira também é incompreensível sem essa sucessão de mal entendidos sobre a própria cordialidade.

Gilberto Freyre
Sociólogo Brasileiro

01:13:57:25 – VINHETA

Estamos apresentando Imortais da Academia

01:14:16:03 – VINHETA

Voltamos apresentar Imortais da Academia

01:14:24:23

OFF

Pela cadeira 26 passou um cronista para quem as ruas do Rio de Janeiro eram mais que paisagem, eram inspirações e fascínio. Paulo Barreto, de tanto beber da cidade, apoderou-se dela até no nome: Ficou conhecido como João do Rio. Ele se deleitava ao esquadrihar, além do espaço, os perfis humanos.

01:14:56:05

Iza Quelhas – Doutora em Letras

Ele sai do lugar fechado, ele vai pras ruas, então o livro dele é a alma encantadora das ruas, mostra o amor que ele tem pela rua, então ele não espera a noticia chegar no jornal, na redação do jornal, ele vai atrás, então ele percorre todos os lugares, ele não tem preconceito, ele não tem medo também, apesar de em alguns momentos ele chegar a lugares complicados ne. Então ele tem essa, digamos essa marca do cronista que vai buscar a crônica, a matéria pra crônica, então ele não fica esperando, ele não é um jornalista de gabinete. Eu acho que essa é uma das maiores forças do que ele escreve. Ele trata desde o menino que vende santinhos na rua, a prostituta, a mulher lê as mãos, o musico ambulante, então ele trata, ele olha muito o que é residual, quer dizer o que está terminando naquele momento, essas pessoas elas tem ocupações que já não rendem mais, já não a sustentam mais, mas elas insistem porque elas não tem a opção ainda do novo. Então ele retrata uma cidade residual, em processo de mudança, mas essas pessoas ainda não têm pra onde ir. Ele tem uma atenção especial pro humano, ele não é o critico das obras que se fazem no Rio de Janeiro, ou de politica, então ele se preocupa muito com os grupos humanos, então uma preocupação que chama atenção que se faz atual até hoje é dos imigrantes, então ele tem os chineses com a crônica sobre o opio, ele tem os portugueses, então ele se preocupa com esses grupos humanos que são extremamente deslocados, marginalizados. Tudo o que ele escolhia eram personagens muito singulares, muito afastados do comum que é talvez como ele se via também. Ele se vê dessa forma porque ele de alguma forma ele é um dândi, é um personagem que se veste com um extremo cuidado, com muita elegância, tenho duvida se ele usava maquiagem porque nas fotografias o rosto dele parece extremamente cuidado, trabalhado, então, ele tem um apreço pela imagem que ele causa, que ele provoca, e que se distancia daquele jornalista que vai atrás da noticia nos lugares mais, nos becos mais sórdidos da cidade. Então, é curioso como ele faz isso.

Paulo Barreto (João do Rio)

Posse em 1910

01:18:14:07

OFF

“A rua nasce, como o homem, do soluço, do espasmo. Há suor humano na argamassa do seu calçamento. Cada casa que se ergue é feita do esforço exaustivo de muitos seres, e haveis de ter visto pedreiros e canteiros, ao erguer as pedras para as frontarias, cantarem, cobertos de suor, uma melopéia tão triste que pelo ar parece um arquejante soluço. A rua sente nos nervos essa miséria da criação, e por isso é a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas.”

A alma encantadora das ruas

Paulo Barreto (João do Rio)

01:19:09:10

Iza Quelhas – Doutora em Letras

Eu o vejo mais como antropólogo, ele tem um cuidado especial por essas figuras, mas sem interferir muito com as palavras que elas possam dizer. Então, ele se coloca muito a espera do que elas vão fazer, ele não lança muito diálogos pra conhecer a pessoa, ele deixa que ela se mostra. A maneira como ele morre também é uma maneira muito de alguém em transito, ele morre em um táxi, e o corpo dele é velado dentro da redação do jornal “A Pátria”, que é o jornal que ele funda destinado à colônia portuguesa aqui no Rio de Janeiro. Então, ele fica sendo velado lá, quando ele é, digamos assim, quando sai ou, digamos assim, o corpo vai para o cemitério mais de cem mil pessoas o acompanharam. Então, mostra como é que ele era popular, como é que ele conseguia ser alguém que transitava entre o mais erudito ao mais popular, talvez por se valer do jornal.

01:20:37:06

OFF

Se João do Rio encontrou nas ruas cariocas inesgotável fonte criadora, o atual ocupante da cadeira 26, Marcos Vinícios Vilaça, não nega ter em Pernambuco sua referencia constante.

01:20:57:10

Marcos Vinícios Vilaça – Atual ocupante da Cadeira 26

Eu não sou um pernambucano, eu sou um pernambucanista, eu acho que a minha terra é o meu umbigo, é tudo pra mim, eu gosto da pintura, gosto da musica, gosto dos poetas, gosto do civismo, sou apaixonado pela historia do meu povo, da minha região. Eu sou tão pernambucanista que eu acho que sou quase um regionalista ortodoxo. Eu fui criado numa cidade do interior, imagine uma terra de coronel, famoso coronel Chico Heráclio que era um dos próceres do Pcdismo pernambucano, Pcdismo de Barbosa Lima, de Agamenon, então, vivi assim tempos muito rigorosamente nordestinos, muito rigorosamente regionais e isso eu trouxe pra minha vida toda com muito prazer, tenho muito orgulho da minha terra, do meu povo, da minha ancestralidade, e conseqüentemente da minha pobreza. Meu avô foi agricultor, meu pai foi, em certa fase da vida, foi seminarista, mas seminarista pobre, e o enxoval era feito pela paróquia e depois ele foi ser professor, você pode imaginar que professor não é uma atividade que enriqueça ninguém né, nunca enriqueceu. Esses ingredientes eu trouxe pra Academia, e os meus colegas suportaram esses meus cacoetes, essas minhas manias, e ai eu pude trabalhar para por a Academia fora de portas, eu acho que dentro das portas a Academia já está consagrada, é grande, é tudo, mas é preciso que a gente saia de portas pra mostrar o que somos, para conquistar os nossos interlocutores. A Academia tem que estar voltada para a sociedade.

Marcos Vinícios Vilaça

Posse em 1985

01:23:26:04

Discurso de posse de Marcos Vinícios

“Na realidade se o inicio de tudo é o mais difícil, eu falaria da duvida do inicio, a duvida constante de que cuidou o poeta baiano, a quanta indecisão de que tratou o vate mineiro. Vacilo, procuro, entre os nomes o nome, o nome da cidade ou o nome do poeta”.

01:23:58:00

Marcos Vinícios Vilaça

Portela me ensinou que cultura é assim, quando eu entrei aqui há 31 anos atrás ele me disse: “Vilaça, a cultura tem que ser multifacetada, a noção de letras tem que ser uma noção antropológica”, e eu acreditei nisso e quando exerci uma função de direção nessa casa eu fiz isso, trouxe pra cá os cultos afros, trouxe o samba, trouxe o futebol e trouxe o Brasil, e de certa forma eu creio que eu consegui, senão de todo, mas de muito.

01:24:50:20 - VIDEOGRAFISMO

Cadeira 26:

Patrono – Laurindo Rabelo

Fundador – Guimarães Passos

Paulo Barreto (João do Rio)

Constâncio Alves

Ribeiro Couto
Gilberto Amado
Mauro Mota

Atual – Marcos Vinicios Rodrigues Vilaça